

# ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sabbado 15 de Junho de 1861.

N. 15

## ACAJÁ.

O jornalismo é sempre uma cruz pesada, e muito mais ainda para aquelles que como nós, Começão, ainda mais pesado se torna esse encargo.

Felizmente porem, que temos recebido muitos e muitos valiosos auxilios que com prazer acolhemos e com gratidão agradecemos. O presente numero é uma prova do que acima dizemos; dois novos collaboradores dignarão-se honrar nossas columnas com suas producções, para as quaes chamamos a attenção de nossos leitores. São ellas as poesias—*Luxo e desgraça*, e *Lamento*.

Não fazemos sobre ellas nenhum commentario, porque tudo quanto poderíamos dizer, seria pouco e demais, tiraria aos leitores, o merito da novidade; por isso preferimos deixa-las á sua apreciação, contentando-nos unicamente com aponta-las ao reconhecido criterio de nossos leitores.

Aos Srs. L. A. e J. A. agradecemos do fundo do coração a distincta honra que fizeram ao modesto jornal por nós redigido dignando-se enviar para serem publicadas em suas columnas, as suas mimosas poesias; e pedimos-lhes que acreditem que será por nós considerado como uma ventura, toda a vez que se dignarem remette-nos algum trabalho seu.



## IDEIAS SOLTAS.

### O QUE É O AMOR.

O amor agrada mais que o casamento, e a razão é, que o romance é mais divertido que a historia.

O amor é semelhante á uma arvore, brota de si mesmo; lança profundas raizes em nosso ser, e continúa muitas vezes a verdejar sobre um coração em ruínas.

O amor é uma ave que canta no coração da mulher.

O amor é a occupação dos desoccupados.

O amor é o romance do coração, é o prazer, é a historia.

O amor é semelhante ás erianças, impaciente por alcançar tudo o que lhe causa inveja.

O amor tem um caracter tão particular, que se não póde occultar onde elle está, menos fingir onde elle não existe.

O amor é n'alma, uma paixão de reinar; nos espiritos, uma sympathia; e nos corpos é o desejo occulto e delicado de possuir o que só ama depois de tantos mysterios.

O amor é semelhante á lua, quando elle não cresce, é preciso que diminua.

O amor é como as doenças epidemicas, quanto mais se as teme, mais exposto se está.

O amor é uma molestia, que não quer outro medico senão elle mesmo.

O amor é filho da pobreza e Deus das riquezas; filho da pobreza, porque elle pede sempre; Deus das riquezas porque é liberal.

O amor é como os licores espirituosos, quanto menos elles exhalão, mais adquirem força.

O amor é uma molestia, que tem os tres periodos: desejo, posse e saciedade.

O amor é uma gotta doce e celeste, que os céos tem derramado no calix da vida para correctivo do seu amargor.

O amor é um ser duplo, e não é senão um, homem e uma mulher que se encarnão em um anjo. E' o céu.

O amor é o rei dos jovens, e o tyranno dos velhos.

O amor, que só é o episodio da vida dos homens, é a historia da vida das mulheres.

Um amante ensina a uma mulher, tudo que seu marido lhe occulta.

Um amante é uma planta parasyta, que cresce sobre a terra, que se deixa sem cultivo, e que se não prepara com muito cuidado em todas as estações.

Um amante é um arauto, que proclama, ou o merito ou o espirito ou a belleza de uma mulher.

No amor o marido não vê senão a estatua; a alma não é feita senão para o amante.

O amor eleva, ou avilta a alma, conforme o objecto que lhe inspira.

Tornar-se o amigo de uma mulher que se tem amado, é uma maneira honesta de esquecer; o amor que cede lugar a amizade não é mais amor.

A amizade e o amor, se amão como dous irmãos que tem uma successão a partilhar.

O amor é usurpador que aspira sempre a novos progressos, e não se satisfaz senão pelas conquistas que extinguem seus desejos.

Estas curtas ausencias excitão o amor, porem as longas o fazem morrer.

O adultero é a curiosidade do amor, e os prazeres d'outrem.

Nos negocios do amor: da innocencia á culpa não ha senão um beijo.

O amor, é uma molestia, que se cura sempre com pezar.

O amor, é um bosquejo dado pela natureza, e florido pela imaginação.

O amor verdadeiro, colleea o homem em relação com tudo que é nobre e bello; prende-o á humanidade pela ternura, e eleva-o a Deus pelo reconhecimento, e pela paixão. Estrela mysteriosa e doce, da terra ao céu; instineto intelligente que conserva, que purifica; força criadora que tudo move, tudo penetra, que dá a tudo alma e força, é o amor; o maior senhor dos negocios humanos. Aquelle que o ignora, ou o blasphema; condemna-se a nada saber do mundo, e de suas leis. É elle a condição primeira de toda a sciencia dos seres, o fundador de toda a moral, e sem elle, o homem ficaria eternamente para o homem, sendo uma pagina em branco da criação.

L

## EM MAUA.

I.

São cinco horas e meia! Sentado á sombra de frondosa mangueira, recodo os dias passados n'esses brincoes infantis, e comparo o passado com o presente!

Nada interrompe esta meditação, porque o silencio é profundo, e apenas um murmurio longinquo me chega aos ouvidos.

Ao sol que acaba de esconder-se, começa a succeder o crepusculo triste e sombrio que annuncia a aproximação da noite.

O mar arroja vagorosamente suas ondas á praia, que estendendo-se preguiçosas pela areia humida e brilhante, produzem esse murmurio monotono, que me incita á meditação.

A alma, obra prima do creador, dom sublime com que elle dotou a creatura, esquece esse todo palpavel e material a que chamão corpo, para mergulhar-se em triste scismar. O pensamento, atravessando o espaço, vai bem longe descortinar occultos mysterios.

II.

E' assim que explico a appareição do quadro que tenho na imaginação:

Sentada á sombra de verdejante nogueira, está uma virgem que pensa...

Seus olhos, ora fitos em objecto que não veem, ora vagando no espaço, denotão o soffrimento de sua alma; humidos e avermelhados, denuncião o pranto.

Silenciosa e triste, esqueça a noite que se aproxima; tal é a profundidade de sua meditação!

Em que pensará ella?

A quem dedicará suas lagrimas?

Qual será o objecto que a faz scismar?

O amor no occaso, ou aquelle que desponta?

Será a lembrança do mancebo que confiando em sua candidez e pureza de virgem, lhe entregára o coração palpitante de amor e dedicação sem limites, ou lamentará um amor nascente, sem esperanza de ventura? Deus, unico perscrutador dos segredos do coração, é tambem o conhecedor dos pensamentos d'essa virgem!

Oh! como seria feliz, se um pensamento identico envolvesse nossas almas em uma esperanza unica!

III.

Como era doirado o sonho que mostrava n'um porvir bem perto, nossas almas enlaçadas pelo amor e engrinaldadas pela felicidade! Mas... a confiança começa a abandonar-me, porque a duvida procura expell-la.

Os carinhos que outr'ora erão só meus, talvez hoje sejam partilhados por outrem, a quem mais tarde serão prodigalizados exclusivamente! E no entanto como eu a amo!

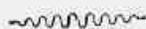
Amo-a no passado, quando me ufanava de seu amor; amo-a no presente, tendo no coração a incerteza; e, meu Deus! amo-a no futuro, quando o desespero me tiver dilacerado a alma!

## IV.

E' noite... já não vejo as letras que traço ; um ultimo suspiro dirigido a ella, e concluo com essa palavra, que segundo uma opinião eminente, encerra em si toda a sabedoria : — Esperar —.

Maio, 22 de 1861.

JOSÉ SERGIO D'OLIVEIRA.



## AURORA.

A Juvencio Duarte Silva.

## §

Eis que surge a *aurora* bafejada pelo zéphiro matutino !

Ei-la que surge, com as faces brilhantes de puro rubor, semelhante a uma virgem no seu despertar !

Ei-la que surge cheia d'esperanças e de vida, para horas depois ouvir o som plangente da Ave Maria dizer-lhe—morreste !

Ei-la que rasga o negro véo que a encobre ! Como é bello agora o céu ! Ainda vejo uma estrellinha com sua luz amortecida !

Tudo é mudez ! mas eis que a mudez é quebrada pelos sonoros cantares do mavioso sabiá, semelhante a um hymno, em louvor da *aurora* que o veio despertar !

Canta, oh ! ave feiticeira, que eu escuto a tua celeste harmonia !

## §

Ah ! eis que se extingue a ultima estrella que ainda errava no céu de azul setim.

Como a *aurora* surge radiante ! Oh ! eu te saúdo mocidade do dia !

Como o vento é brando, e suspira suas magoas nos seios das flores, que mais que nunca exhalão perfumes tão inebriantes !...

Oh ! como és bella e me fazes esquecer os dissabores da vida !

Bem vinda sejas tu !

## §

Alli vejo uma rosa, a desabrochar, como um amor em começo... toco-a com os dedos e ella se desfolhou !

Como és delicada oh ! flor !

Seria talvez pelo segredo que aquella borboleta te contou quando te beijava ?

Talvez que sejão ciumes daquella rosa rubicunda que alli sorri ! Não tenhas !... eu tambem te amo !

Não creias na borboleta ardilosa pois não é verdade o que ella te disse.

Ella não te ama... não vês florinha mimosa que ha pouco ella te beijou jurando-te amor, e agora lá está cochichando com outra flor, e assim vai embriagando-se, bebendo o delicioso mel com que a madrugada orvalhou tambem as tuas rivães ? Ella não ama; não tem amores, e como largou as tuas mimosas folhas vai o mesmo imitando com as outras e fazendo a todas, como a ti, morrer d'amores.

## §

*Aurora*, eu te saúdo ainda uma vez, por que é em teu assomar, que os encantos da natureza se mostram mais luxuriosos !

JUVITA D. SILVA.



## POESIAS.

## LAMENTAÇÕES DE UM CEGO.

Como é feio o recinto destas trevas !  
Como em trevas o viver é triste !

Outr'ora, ao brilhar dos aureos dias,  
Meos olhos se arroubavão só em vel-os;  
Em ver essas riquezas que a natura,  
Pelas do orbe vastidões immensas,  
Profesamente entorna !

Hoje, sem vista, repassada esta alma,  
Pelas provanças de um soffrer acerbo,  
Choro a desdita que me dera a sorte  
Em sombras mergulhado !

Grande Deos ! que fiz eu, que joven inda,  
Primaveras contando dezeste,  
Com a alma pura e de peccado isenta,  
Para castigo merecer tão agro ?  
Eu acaso serei o fructo infame  
De amor indigno, de incesto horrivel ?  
Para que privar da luz o peregrino  
Que trilhava da vida a longa estrada,  
A fronte suarenta, o corpo exausto,  
Em demanda do pão que a fome cevo,  
Longe da patria, de seus pais tão longe ?

De que serve no mundo um ser inútil,  
 Que sem luz, sem prazer e sem conforto,  
 Vive nas sombras que seo todo cerca ?  
 Mandai-me a morte que o viver regeito  
 Sem os brilhos fulgentes que meos olhos  
 Ostentavão outr'ora copia immeusa !  
 Dai-me com a sombra que acabais de dar-me  
 O somno calmo que na campa aguarda  
 O triste e miserando peregrino  
 Que já cansado de viver no mundo,  
 Ah! acha repouso ás lides suas !

Oh ! meus pais ! oh ! caros progenitores  
 De meu ser infeliz e desgraçado !  
 Jámais meos olhos fitarão vossos olhos,  
 Jámais vossos rostos que o amor traduzem  
 Será dado a seo filho contemplal-os !

Que não tarde meu Deos a negra parca  
 Do mundo a me tirar, tirar-me a vida  
 —Esse fardo que exangue já supporto !  
 E que ás lages soturnas da jazida,  
 Eu vá dormir tranquillo somno eterno !

Abril de 1861.

SILVIO RANGEL.

## LAMENTO.

Sonhar, poesia, amor; foi tudo á campa.

B. DA SILVA.

Passae sorrisos e flores  
 Do tempo de meos amores,  
 Dos amores que sonhei !  
 — Passae—que em louco delirio  
 No limbo de meo martyrio  
 Minhas creanças suffoquei.

Fui poeta—hoje sem gloria  
 Sinto rasgar-me a memoria  
 Os meos passados trophéos;  
 E a minha estrella querida  
 Que me luzia na vida  
 De balde busco-a nos céos !

Minha pallida esperanza,  
 Sonhos azues de creança,  
 Que o meo futuro embalou,  
 Eu vi nas mãos da desgraça  
 Qual luz perdida que passa  
 Na treva que me cegou.

Apenas vivi um dia  
 No regaço da poesia  
 Cheio de sonhos e amor !  
 — Hoje sem vida procuro  
 Por este tendal escuro  
 As fontes de minha dor !

Louco !—ceguei-me aos raios  
 De um frouxo sol que em desmaios  
 Luzio, luzio e morreo...  
 E nas sombras desta vida  
 Quanta illusão vi perdida,  
 Quanta illusão me perdeo !...

Segui a sorte—a ventura  
 Como a flor que pouco dura  
 As azas de ouro quebrou,  
 E desbotada, perdida  
 Nos areices desta vida  
 Sua tunica rojou !

Meu Deos—eu já tive flores !  
 A' sombra de meos amores  
 Já sorri-me a felicidade;  
 Já dormi souhando crente  
 As illusões do presente  
 Nos braços da mocidade !

Hoje afastado de tudo,  
 Exangue de vida, mudo,  
 O que sou ? que busco eu ?  
 Se n'alma tenho um deserto,  
 Se tenho o futuro aberto  
 Como um livro que se leo ? !

Drama terrivel do fado  
 Me é o soffrer pesado  
 Que ao sepulchro me conduz...  
 Oh ! que agonia tamanha,  
 Que nevoa—que sombra estranha  
 Me escurece a tua cruz !...

Passae filhos do martyrio,  
 Illusões do meo delirio,  
 Flores colhidas nos céos !  
 — Hoje—poeta—sem gloria  
 Sinto avivar-se a memoria  
 De meos passados trophéos.

Passae sorrisos e flores,  
 Do tempo de meos amores  
 Dos amores que eu amei;  
 Passae venturas de um dia  
 Lendas azues de poesia  
 Que em sonhos d'ouro sonhei

L. A.

## LUXO E DESGRAÇA.

Mamã, que lindo vestido  
Hontem aqui vi passar !  
Era um vestido tão lindo,  
Que igual me fez invejar !  
E foi aquella vizinha  
Que mal tem com que passar !

Enfeites... lindo chapéo;  
Brilhantes... saia balão,  
Ella altiva, e o povo todo  
Mirava-a... tinha razão !  
Oh ! como o luxar é bello,  
Ter por crença a ostentação !

Mamã é rica, tem cazas,  
Tem acções a bom render,  
Porque não deixa que eu brilhe,  
Que assim possa apparecer ?  
Eu sou tão moça, sou bella,  
Que a todos oíço dizer !..

« Minha filha, não são boas  
« Taes ideias de luxar;  
« São ideias agoureiras,  
« Preludio a triste penar.  
« Casarás co'aquelle moço  
« Quo já me veio fallar.

« Elle é pobre, mas qu'importa,  
« E' rico de honestidade,  
« Tem subida illustração,  
« Tem por ti pura amizade;  
« Que mais queres e desejas  
« Para a tua felicidade ?

Mas a filha inebriada  
Taes conselhos desprezou,  
E nos festins dessa vida  
Loucamente se lançou !  
Coitada, que más ideias,  
Que máo pensar abraçou !

Eu só quero um casamento  
Nobre, d'alta jerarchia,  
Sou linda, só casamento  
Almejo d'alta valia  
Quero folgedos, grandezas,  
Trajar as modas do dia.

D'ahi sempre sem descanço  
Louca ao festim se entregava;  
Carros, theatros, modistas,  
Tudo ella visitava.  
Que fatal inexperiencia  
Sua razão lhe roubava !

E assim se forão passando  
Longos tempos em folgedos,  
E a pobre mãe se ralando  
Sem taes passos lhe ver quedos.  
O noivo não apparecia  
Que escutasse os seus segredos

Uma noite, fatal noite,  
A mãe a filha procura;  
Corre tudo... a filha ingrata  
Caminhava em senda impura !  
Pobre mãe !... só lhe restava  
Triste pranto de amargura !

De Sophia— filha louca,  
Nunca mais se ouviu fallar;  
E a pobre mãe se myrrando,  
Dia em dia a se finar !  
E a filha ingrata talvez,  
Do festim conviva a par !

.....  
Cinco annos decorrerão,  
Sempre martyrio e soffrer,  
E a pobre velha coitada,  
Findava seu padecer !  
De um triste leito de morte  
A eternidade ia ter.

D'ahi a dias um carro  
Tendo as trevas por fanal  
Conduzia ao cemiterio  
Informe vulto humanal !  
Era o corpo de Sophia  
Morta a mingoa no hospital !

Eis aqui da inexperiencia  
Negra sorte, o triste fim;  
Eis a palma que laurea  
Da vida o louco festim.  
Oh! como é hom não seguirmos,  
Enganoso trilha assim!

Ric, Março de 1861.

J. A.

## CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação)

No fundo da sala, defronte de tres janellas que davão para um largo, e que estavão enfeitadas por cortinas brancas presas com laços de fita cor de rosa em maçoanetas douradas, estava recostada em um canapé, uma bella moça vestida de branco, com os cabellos negros em tranças e com o garbo voluptuoso de uma hespanhola, abanando-se com uma ventarola de pennas.

Roger, ante tanta belleza, sentio pulsar mais forte o coração; pensou sonhar, e perguntou a si mesmo, se não era uma visão, e se seria essa deidade, a dama do dominó cor de canna.

Ella vendo o embaraço de Roger, levantou-se e convidou-o a assentar-se no canapé á seu lado.

— Senhora! disse então timidamente, por ventura sercis aquella que dando-me o coração, prometeu-me esta entrevista?

— Se me amais, vosso coração o dirá. Respondeo ella.

— Elle então não mentio, quando debaixo da mascara importuna, e da veste que roubava vossa gentileza á sua vista me disse, que creis bella. Elle ainda me diz, ainda me affirma, que vós sois aquella que buscando o incognito, sem o querer preparou tão feliz encontro.

— Quereis saber meo nome? Quem eu sou? De bom grado vol-o direi; porém antes desejo saber quem sois e como vos chamais.

Roger, apaixonadamente pegando em uma das mãos d'aquella que tão desembaraçadamente lhe fallava respondeu:

— Quem eu sou? quereis saber? Pois bem, ouvi. Sou um triste, que fugindo ás perseguições do mundo, aos dissabores da vida, busca no meio da solidão, ou no seio dos festins, distrações para a vida atribulada. Fugindo aos vagalhões da sorte, busquei um ente a quem pudesse dar meo coração, que pudesse amal-o, para ver se na embriaguez de um amor verdadeiro, poderia achar a paz do espirito e o socego da alma. Vivi sempre isempto das caricias de uma amante, sem poder achar quem mercesse esse amor puro que me devorava o peito e me queimava o sangue. Fui um louco; meo futuro não sei qual será; chamo-me Pedro, e o appellido de familia, tenho-o registrado na louza de meos antepassados. Foram nobres.

— Pedro, (permitti-me que familiarmente vos falle.) Eu sou tambem uma victima da sorte. Arrastada pela vaidade, pelo brilho da minha Belleza, eu me perdi.

Hoje luto com as inconstancias dos homens e

com o desprezo do mundo. Sou bella, vós mesmo o dissesteis, e é esta belleza que me tem levado para as bordas do abysmo que vejo cavado á meos pés. Nas minhas horas de pensamentos, nos meos instantes de socego, olho para o passado, encaro o presente, e meço a distancia do futuro. Um foi de rosas, outro de cardos, e não sei de que será o ultimo. Verdadeiramente, só amei uma vez na vida; o mais tem sido caprichos, e mesmo profanação. Eu sou bella, seduzi-vos, arrastei-vos a amar-me, porém perdida, occultei-vos, que as minhas fórmas gentis, tenho-as occultas debaixo do manto que cobre mais de uma infamia. Não empallideçais; por verdadeiramente vos amar, é que nada vos occulto, e por vos ter dito que não me poderieis amar. O mundo, Pedro, tem-me hoje no rol das perdidas. O povo tributa-me elogios, incença-me os pés, porque sou jovem e formosa; porém, quando as azas callosas do tempo me roçarem pelas faces, e me roubarem a louçania; quando for velha, só o tumulto poderá livrar-me das injurias e do desprezo de que então serei victima.

Eu me chamo Claudina, e o appellido honroso de familia, para não maculal-o em um momento de gratidão, queimei a pagina onde se vião os nomes de meos pais, que ainda vivem e representam um bello e grande papel na sociedade.

Pedro com as mãos cruzadas e pendidas; com a cabeça inclinada sobre o peito; com uma palidez sepulchral nas faces, tinha-se entregado á um longo scismar.

Quando pensaria elle, que a flôr que tão viçosa guardava no jardim de seu peito, fosse desfolhada pelo amor de uma perdida!

Quando pensou? E' que alguns homens já nascem com o destino gravado sobre a fronte, e para qualquer lado que se movão, sempre encontram decepções. Era loucura tambem, declarar amor assim á uma mulher que se encontra n'um baile de mascaras. Mulheres que frequentão as orgias. Essas que pertencem ao mundo.

Porém Pedro havia-se enganado, crendo nas palavras d'aquella que o convidou á dansar.

— Pedro, não te entregues ao desgosto, nem tão pouco me crimines porque, quando me declarastes teu amor, eu te disse, que não me poderias amar.

— Não te crimino, Claudina, foi meo destino, a sorte já estava marcada; hei-de amar-te embora tenha contra a mim opinião publica. Foste a primeira que soube despertar um sentimento que sopitava meo coração, serás a ultima a quem eu ame.

— Pedro, ainda é tempo, foge do abysmo que o amor te apresenta, e vai, no seio de uma

mulher virgem, ainda que menos bella, depositar tuas esperanças; porque então o futuro te sorrirá. Eu não mereço um amor puro, não busco a paz no seio de um amante fiel; necessito das grandes emoções, da variedade dos prazeres, do deleite do amor, e finalmente necessito de ouro para poder ostentar brilho nos salões, e arrastar por toda a parte innumerados adoradores....

— Não blasphemes, Claudina, não precisas para viver feliz, fazer um papel tão vil na sociedade. Eu te amo, sou rico, dou-te meo amor e toda a minha fortuna, se abandonares essa senda que te leva ao precipício.

— Mas, é preciso que raciocines, Pedro, se ouvisses a minha historia, se léssees todas as paginas de minha vida, fugirias horrorizado, de meo lado. Não quero ser mais culpada Pedro, não te posso amar, porque não quero tisar tuas primaveras, ao fogo de um amor impuro. Não posso consentir que me ames, ainda mesmo amando-te eu tanto.

— Claudina! Claudina! Teo amor ou arranca-me a vida! Quero que me ames, ainda que fosses a mulher mais perdida e mais depravada!

— Pois bem, consinto em te amar, porém depois de ouvir a minha historia. Aceitas?

— O inferno que fosse! disse Pedro levantando-se, como se tivesse um presentimento.

(Continúa.)

## DOIS BASTARDOS DA SORTE.

### NARRAÇÃO.

Vou narrar-vos um facto que me foi contado ha pouco. As circumstancias d'elle, são a reprodução de um drama que tantas vezes se tem visto no mundo, e que, como tantos outros, tem ficado na sombra do olvido, perdidos no tumultuar da vida social. Não é pois um romance o que ides ler, porque o romance ao par e passo que tem um fundo de realidade, tem outro tanto ou mais de invenção, de circumstancias e episodios ideados pela imaginação do escriptor, romancista ou poeta, e eu julgo-me inteiramente incapaz de tudo, e muito mais ainda de escrever romances. Não faço pois mais, do que reproduzir, o que ouvi sem omitir ou acrescentar um só episodio ao que me foi contado. O meu unico merito, se merito por ventura ha nisto, é unicamente o de ter tido a fortuna de ser escolhido pelo acaso, para ser o historiador d'elle; nada mais.

Isto posto, ouvi :

Hade haver cerca de doze ou quatorze annos, existia no Rio de Janeiro um velho e rico negociante portuguez, que vivendo ha longos annos no Brasil, tomara verdadeira affeição a esta nossa bella terra, onde casára e enriquecêra gozando sempre da mais pura e immaculada reputação.

O Barão de.... era um desses homens a quem faltou a instrução nos primeiros annos, mas a quem a natureza dotou com os requisitos necessarios para ser um carinhoso pai, um bom amigo e um excellente negociante.

Filho de uma villa da populosa e rica provincia do Alentejo, entrara para a vida commercial ainda no verdor dos annos, e por motivos politicos, vio-se obrigado a abandonar seus patrios lares, e vir para o Brasil.

Ahi a sorte sorrio-lhe, e como dissemos, elle tornou-se um dos mais ricos e importantes negociantes desta côrte. Rude no trato e rigoroso no cumprimento de seus deveres, era brando e affavel no seio de sua familia, e fazia consistir toda a sua felicidade, no amor á esposa e aos filhos. Enfim, em sua casa reproduzia-se esse bello quadro que nos apresenta a Biblia, quando nos mostra aquella tranquilla simplicidade da vida patriarchal.

Dêra-lhe o céo, cumprindo os votos mais charos de seu coração, tres filhos e uma filha, terno objecto do seus mais desvellados pensamentos, de seu mais estremecido amor! Não nos occuparemos com os filhos, por serem personagens secundarias deste drama intimo, e apenas diremos que erão bons e doces moços. Da filha porém, da meiga e bella Carolina, a nossa heroína, fallaremos mais extensamente.

Carolina, na epocha em que a conhecemos, era uma bella e interessante joven de 16 annos; morêna, esbelta e graciosa, como a airosa palmeira de nossos campos sem fim! Seus olhos, de fulgôr tão vivo que se poderião tomar por magnificos brilhantes negros, deixavão ler em si, a candura de sua alma innocente e ainda isenta das paixões fogosas da juventude. Quem a visse sentada ao lado de seu pai, ora reclinando sobre o hombro deste, a cabeça gentil, rica de bastos e luxuriantes cabellos negros, como se succumbisse ao peso de um pensamento negro, ora entreabrindo seus nacarados labios em prolongada e louca hilaridade, ou sentada a seu piano, arrancando d'elle, ora sons plangentes e ternos que repassavão a alma de uma melancholia infinita, ora, ferindo com vigor as cordas, e desferindo sons vibrantes e rapidos, verdadeiras cascadas de notas brilhantes que fazião admirar a ligeireza e elasticidade de seus dedinhos, tomal-a-hia por uma menina innocente e travessa, que, se sentia algum pensamento triste, para logo o arremessava longe de

si, como dizendo consigo que na sua idade ainda era cedo para atormentar sua imaginação com idéas tristes. E todavia Carolina, a menina travessa e buliçosa, soffria, e soffria um pesar fundo e terrível.

Amava, e suppunha que seu amor não achava eco. Amava, e via-se separada d'aquelle por quem seu jovem coração padecia tanto ! E ainda assim, achava forças para ainda mesuro no meio de suas penas, rir e folgar descuidosa, occultando assim ás vistas curiosas e sollicitas de seus pais e suas amigas, o sentimento que lhe morava na alma !

Carolina conhecêra desde os mais verdes annos, um moço filho de um amigo íntimo e patrio de seu pai, e tomára a seu companheiro de folguedos uma amizade casta e pura como é a amizade de irmão para irmã. Com effeito, quem era mais alegre, mais fofo em lembranças felizes, quem com mais engenho, ideava um novo brinco do que Julião ? Quem com mais promptidão, se prestava a todos os caprichos de sua pequena camarada ? Quem, para fazer cessar as lagrimas que um desejo infantil não satisficito, trazia aos bellos olhos de sua querida Carolina, tudo tentava ?

Julião, sempre Julião !

Foi assim no meio dos risos e das lagrimas dos doces e pueris folgares da infancia, que nasceu e se formou uma affeição pura e casta que os annos mais e mais robustearão até transformal-a em um sentimento mais fogoso e mais ardente ; em amor em fim.

Carolina, pois, e Julião, amavão-se e só descobrirão a natureza do sentimento que ambos nutrião um pelo outro, no primeiro anno em que Julião voltou do collegio, a passar as ferias no seio de sua familia. Quando depois de um anno de ausencia, os nossos jovens heróes se encontrarão em casa do Barão de... ambos corarão, e como Carolina hesitasse em dar sua mão a seu jovem amigo, seu pai lh'o exprobrou affectuosamente, e ella, corando ainda mais, estendeu sua mãozinha tremula a Julião que a apertou com affectada indifferença. Mas apenas suas mãos se tocarão, ambos se tornarão pallidos e estremecerão como se tivessem, recebido um choque electrico.

Foi essa a primeira revelação exterior de seo mutuo e secreto amor.

Passarão-se mais alguns annos, Julião acabou seus estudos, que erão os necessarios á carreira commercial, e seo pai retirou-o do collegio. Julião tornára-se um bello e elegante mancho ; intelligente, sem petulancia, e doceil aos conselhos de seu pai, promettia compensar a este, dos trabalhos e fadigas que empregára para lhe dar uma boa educação. Além dos conhecimentos que adquirira no collegio, possuia alguns dotes

naturaes que ainda mais realçavão aquelles que devia á arte e ao estudo. Expressia-se bem e mesmo em alguns escriptos que destinára a dormir em sua gaveta, e em que derramava uma parte de seus pensamentos íntimos, revelava talento e uma delicadeza de sentimentos extrema.

Carolina pelo seo lado, estava uma bella e encantadôra moça e reunia á sua belleza e graça natural, uma doçura angelica e um inexgotavel thesouro de espirito incisivo e fino, mas nunca malevolo. Com taes predicados, é claro que lhe não havião de faltar pretendentes, uns levados unicamente pelo desejo de possuir uma tão bella encarnação da mulher tal qual a pintão os poetas, outros arrastados pelos dotes moraes e talvez mais ainda, pelo dote material que ainda mais augmentava, a seus olhos, o valor dos primeiros.

D'entro todos os aspirantes á mão da bella jovem, distinguia-se pela sua pouca assiduidade, um doutor, filho de uma das principaes familias desta corte, o Dr. João de Castro. Talvez pareça estranho o eu dizer que se distinguia pela sua pouca assiduidade o Dr. João de Castro ; mais estranho ainda parecerá quando eu acrescentar que foi elle o feliz escolhido e acceito para ser o esposo da desditosa Carolina. Talvez euste a conceber-se como é que esta, amando como amava, a seu antigo camarada Julião, accitou por esposo outro que não elle, e a quem não sagrava como a elle, um amor profundo e fortalecido por longos annos de convivência. Mas tudo se aclarará quando se souber que a pobre menina, suppunha não ser amada, ao menos da mesma maneira porque amava, e por isso evitava sempre o achar-se a sós com Julião, temendo que se isso acontecesse, ella não se pudesse conter e revelasse tudo ao seo antigo amigo. O mesmo succedia a Julião e fugindo ambos um do outro, attribuião-se mutuamente um sentimento de repulsão que apenas existia em suas imaginações, ainda muito novas, e faltas inteiramente de resolução, para dar o primeiro passo no caminho das confidencias, o qual os teria por sem duvida conduzido á suprema ventura.

(Continúa.)



As pessoas que quizerem assignar este jornal, poderão dirigir-se á rua de S. Pedro n. 36, loja.

**As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.**

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.ª rua do Cano n. 165.